



## A PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE EM ENTREVISTAS COM LÍDERES RELIGIOSOS EVANGÉLICOS

Rian Caetano de Oliveira<sup>1</sup>

*Secretaria Estadual de Educação do Estado de Mato Grosso do Sul (SED)*

Flavio da Rocha Benayon<sup>2</sup>

*Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)*

### RESUMO

O presente artigo propõe analisar os sentidos produzidos pelo discurso religioso evangélico a partir da atualização da memória discursiva da homossexualidade. Ancorados na Análise do Discurso materialista, constituída por Michel Pêcheux na França e reterritorializada no Brasil por Eni Orlandi, constituímos nosso gesto de leitura a partir da indissociabilidade entre língua, sujeito e ideologia. A análise discursiva configurada toma por objeto de investigação três enunciados proferidos por líderes religiosos evangélicos contemporâneos: Aline Barros, Bruna Karla e Silas Malafaia. Os referidos pronunciamentos, com um grande número de visualizações, ocorreram em entrevistas concedidas a canais de mídia de alcance nacional e as respectivas gravações se encontram disponíveis na plataforma de streaming YouTube. Como procedimentos teórico-metodológicos de investigação, foram mobilizados os aparatos teórico e analítico da Análise do Discurso materialista. A partir da análise do material recortado, foi possível circunscrever o que nomeamos como posição de sujeito evangélico, constituída pela evidência da homossexualidade significada como pecado e prática voluntarista.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso. Religião. Homossexualidade. Discurso religioso. Evangélicos.

### ABSTRACT

This article proposes to analyze the meanings produced by evangelical religious discourse through the updating of the discursive memory of homosexuality. Anchored in materialist Discourse Analysis, developed by Michel Pêcheux in France and reterritorialized in Brazil by Eni Orlandi, our reading gesture is based on the inseparability of language, subject, and ideology. The configured discursive analysis takes as its object of investigation three statements made by contemporary evangelical religious leaders: Aline Barros, Bruna Karla, and Silas Malafaia. These statements, which have garnered a large number of views, were given in interviews to nationally broadcast media channels, and the respective recordings are available on the streaming platform YouTube. As a research method, the theoretical and analytical frameworks of materialist Discourse Analysis were mobilized. From the analysis of the selected material, it was possible to circumscribe what we call the evangelical subject position, constituted by the framing of homosexuality as sin and voluntarist practice.

<sup>1</sup> Professor de Língua Portuguesa da Secretaria Estadual de Educação do Estado de Mato Grosso do Sul (SED). Graduado em Letras – Português/Inglês pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: rian.oliveira@ufms.br

<sup>2</sup> Professor Adjunto de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Doutor e mestre em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: fbenayon2@gmail.com



**Keywords:** Discourse Analysis. Religion. Homosexuality. Religious discourse. Evangelicals.

## INTRODUÇÃO<sup>3</sup>

A Análise do Discurso materialista, linha de pesquisa que ancora o presente trabalho, constitui-se a partir da reterritorialização do Materialismo Histórico, da Psicanálise e da Linguística para investigar os processos de produção de sentidos. Ao analisar como as palavras, frases e enunciados significam, a Análise do Discurso, doravante AD, considera que o sentido sempre pode ser outro. Em outras palavras, a língua é aberta ao equívoco, sendo constituída pela relação intrínseca entre processos parafrásticos – a estabilidade dos sentidos – e polissêmicos – a irrupção do diferente no mesmo. A partir das contribuições teóricas e metodológicas da AD, o analista pode, entre outras possibilidades, descrever e analisar sentidos hegemônicos que circulam no social.

A levar em conta a descrição e a análise de pronunciamentos de três famosos líderes religiosos evangélicos concedidos em três diferentes entrevistas, questionamos a reprodução de sentidos hegemônicos no social. O recorte do material analisado é orientado pela seguinte questão de ancoragem: “Como sentidos sobre a homossexualidade e o homossexual são produzidos no discurso religioso cristão evangélico?”. Compreendemos que o discurso não é simplesmente uma forma de comunicação, mas, sim, o encontro entre a materialidade da língua e a da história, constituído sob determinadas condições de produção.

Mobilizamos o aparato teórico e analítico da AD com o objetivo de questionar o processo de produção de sentidos sobre a homossexualidade e o homossexual em entrevistas concedidas por Aline Barros, Bruna Karla e Silas Malafaia. Os dizeres desses três líderes religiosos têm grande circulação no meio evangélico, possibilitando, portanto, a observação de possíveis regularidades que podem delimitar o funcionamento de uma posição de sujeito específica.

## 1 SUJEITO, LÍNGUA, IDEOLOGIA

Ao considerar a relação entre sujeito e ideologia, é imprescindível salientar que, para a AD, o sujeito é constituído pela ideologia, sob determinadas condições sócio-históricas, ocupando determinados lugares sociais e posições de sujeito inconscientemente. O sentido produzido pelo sujeito não está sob seu controle, isto é, não há voluntarismo possível, pois ele é constituído a partir de uma posição de sujeito, inscrita em uma formação discursiva. A partir desse funcionamento, o sujeito enuncia, de modo que um pronunciamento não se confunde com o discurso, que é uma dimensão histórica.

O sujeito é assujeitado pela linguagem, pelas suas contradições e equívocos, de forma que não há neutralidade nem mesmo na utilização mais cotidiana da língua. Nas palavras de Orlandi (2001, p.09): “A entrada no simbólico é irremediável e permanente: estamos comprometidos com os sentidos e o político. Não temos como não interpretar”. O sujeito é descentrado, não possui controle sobre o seu dizer, é subordinado à historicidade e aos seus efeitos, tornando-se assujeitado. Em relação a esse último termo, entende-se o sujeito como assujeitado à língua e às estruturas ideológicas constitutivas do social.

---

<sup>3</sup> O presente artigo é um recorte do trabalho de conclusão de curso produzido na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/CPAq), intitulado “Religião e homossexualidade: produção de sentidos em entrevistas com líderes religiosos evangélicos”, defendido por Rian Caetano de Oliveira e orientado pelo Prof. Dr. Flavio da Rocha Benayon. Agradecemos às valiosas contribuições da banca, formada pelos Prof. Dr. Vinícius Massad Castro e Prof. Dr. Wellton da Silva de Fátima.



Em “Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado”, Althusser (1970, p.103) ilustra o funcionamento da ideologia antes mesmo da concepção de uma criança: “Antes de nascer, a criança é portanto sempre-já sujeito, designado a sê-la na e pela configuração ideológica familiar específica em que é ‘esperada’ depois de ter sido concebida”. Antes do nascimento, há um planejamento em torno da criança por parte dos pais e demais familiares. Por exemplo, após a descoberta do gênero biológico, há a especulação pelo nome a ser dado, a seleção das vestimentas, a compra dos móveis e a organização do quarto e do enxoval. A escolha do nome, assim como os demais exemplos, já é de ordem ideológica, pois aspectos sócio-históricos o configuram, como uma homenagem a algum familiar falecido, um nome bíblico devido às crenças dos responsáveis ou devido ao próprio gênero da criança.

O assujeitamento ideológico ocorre pelo aparelho repressivo, como a dimensão jurídica que impõe direitos e deveres, e pelos aparelhos ideológicos de Estado, como: a família, a religião, a escola, a mídia, o político. Em relação à língua, a criança a desenvolverá assujeitada ao idioma do local em que nasceu, mobilizando sentidos que circulam em determinada comunidade linguística. Um bebê nascido em algum país da América Latina, provavelmente, terá como idioma materno uma língua românica. Outro bebê, nascido nos Estados Unidos, provavelmente, terá sua língua moldada no tronco linguístico germânico. Com base nesses exemplos, observamos que, desde muito cedo, o sujeito é ideologicamente interpelado, não sendo, portanto, dotado de práticas espontâneas, ou seja, o sujeito não é o senhor do seu próprio dizer.

A produção de sentidos é ideológica e se configura a partir de posições de sujeito, filiadas a formações discursivas, que são compreendidas por Pêcheux (2009, p.147, grifos do autor) como “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes determina *o que pode e deve ser dito*”. As formações discursivas, ao funcionarem como regiões do dizer determinantes do que pode e deve ser dito, produzem a evidência dos sentidos.

Estar na língua é, ainda que sem saber, interpretar a partir de determinada posição de sujeito, sendo essa uma prática corriqueira para o humano. Conforme Orlandi (2009, p. 45): “Não há sentido sem interpretação e, além disso, diante de qualquer objeto simbólico o homem é levado a interpretar”. Não há sentido sem o gesto de interpretar, assim como não há interpretação sem a circulação de sentidos no social. Em outras palavras, diante de qualquer objeto simbólico, o sujeito é levado a interpretar conforme a formação discursiva em que está inscrito.

O sujeito é assujeitado à história e à língua de tal modo que uma formulação somente faz sentido porque é constituída a partir de ambas. Diante desse funcionamento, conclui-se que a objetividade, a consciência e a autonomia que o sujeito roga a si é um funcionamento imaginário. Arrogar a imparcialidade para falar e afirmar a ausência de ideologia para legitimar os sentidos enunciados coloca em jogo o efeito ideológico elementar: a evidência.

Compreendemos por ideologia as evidências produzidas na relação do humano com a história. Nas palavras de Althusser (1970, p.77): “A ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência”. A realidade é ideológica, de modo que não há um fora da ideologia. É por esta razão que, por exemplo, compreendemos de forma evidente o que é um pedreiro ou um juiz e suas respectivas funções, o que é direita ou esquerda, idôneo ou imoral, como se portar em certos ambientes, o que é apropriado falar ou não falar em dadas circunstâncias. Esses são efeitos ideológicos constitutivos do sujeito e que determinam o processo de produção de sentidos.



Os sentidos são produzidos em um tempo imemorial e reproduzidos a tal ponto que não se faz necessário descrever as características e funções de um pedreiro ou juiz, mãe, pai e filho para reconhecê-los. Assim ocorre o funcionamento ideológico, pelo esquecimento de sentidos que constituem o sujeito. É por esse motivo que se ouve falar que a linguagem, o sujeito e os sentidos são transparentes. Cabe, no entanto, observar que para a AD a linguagem não é transparente. Nem tudo está claro na linguagem, nos sentidos, no sujeito. O analista do discurso questiona como um texto reproduz sentidos em sua relação com a historicidade. É na contradição, no equívoco que a análise e os gestos de leitura são produzidos.

## 2 O DISCURSO RELIGIOSO CRISTÃO EVANGÉLICO

A partir de nossa questão de ancoragem, circunscrevemos nossa análise ao discurso religioso cristão evangélico, heterogeneamente constituído, considerando especificamente a produção de sentidos para a homossexualidade e o homossexual. Orlandi (1987, p. 242) define o discurso religioso como “aquele em que fala a voz de Deus: a voz do padre – ou do pregador, ou em geral, de qualquer representante seu – é a voz de Deus”. Esse funcionamento discursivo tem como base a autoridade divina, na qual o lugar do pregador importa apenas de maneira relativa, pois quem enuncia não é o sujeito, mas a divindade. Em outras palavras, há o imaginário de que o fiel profere a voz de Deus, sendo a “voz” significada como os ensinamentos e dogmas imaginariamente emanados pela divindade.

Em uma posterior articulação da teoria, Orlandi reformula a definição de discurso religioso. Nessa segunda conceituação, Orlandi afirma que o funcionamento do discurso religioso ocorre pelo silêncio divino. Ou seja, a partir do silêncio de Deus, os fiéis e líderes religiosos produzem sentidos:

Dessa perspectiva, a do analista de discurso, o que se pode dizer é que o que funciona na religião é a *onipotência do silêncio divino*. Mais particularmente, isso quer dizer que, na ordem do discurso religioso, Deus é o lugar da onipotência do silêncio. E o homem precisa desse lugar, desse silêncio, para colocar uma fala específica: a de sua *espiritualidade* (ORLANDI, 2007, p. 28, grifos da autora)

O sujeito religioso é assujeitado pelo silêncio de sua divindade de tal maneira que reproduz sentidos que ao longo da história foram caracterizados como mandamentos divinos, os quais não podem ser transgredidos sem que sofram penalidades. É justamente a onipotência do silêncio divino que possibilita a circulação de práticas que devem obedecer aos dogmas que a voz suprema (não)diz. O assujeitamento ao discurso religioso concorre para a produção de um sujeito submisso à divindade, semelhante a seu criador, no entanto, sem equivalência de poder.

O discurso religioso pressupõe Deus como o sujeito por excelência, aquele cuja imagem possibilita a constituição de formas específicas de assujeitamento que se dão à sua semelhança. Desse modo, os sujeitos/fiéis submissos a Deus, já se constituem com um marcador de diferença importante: sendo concebidos à semelhança da imagem divina, já se colocam na impossibilidade de o sê-lo, ou de se colocar em uma posição de equivalência no que se refere à posição ocupada por Deus. (FATIMA, 2018, p.38)

No discurso religioso evangélico, Deus é o ser onipotente, adorado entre os fiéis e adeptos da liturgia. Os fiéis, ao se assumirem submissos a sua divindade, são significados como inferiores,



não podendo ser iguais a Deus, por mais que tenham sido criados à imagem e semelhança da mencionada divindade. Uma relação equívoca<sup>4</sup> é configurada a partir do imaginário de livre arbítrio. Ao mesmo tempo que reconhece ser submisso a sua divindade e à palavra, o fiel reproduz o imaginário de que todos são livres para realizar escolhas.

Conforme Fatima (2018, p. 38): “Há, portanto, uma contradição constitutiva no funcionamento do discurso religioso: o sujeito se diz livre, ao mesmo tempo em que aceita a coerção que lhe é imposta para ser reconhecido como sujeito de sua fé”. Os sentidos estão em disputa no discurso religioso, pois ora o fiel é submisso a sua divindade, ora detém a capacidade de fazer escolhas. O sujeito, portanto, é afetado pelo real da língua, de modo que a historicidade, a contradição e a equivocidade estão entrelaçadas.

O funcionamento do discurso religioso cristão também está relacionado com o lugar do líder religioso<sup>5</sup>, comumente conhecido como pastor, nas religiões protestantes, o qual propõe falar a partir do silêncio divino, tomando para si a autoridade de enunciar os mandamentos cristãos. A essa figura é destinado o lugar de autoridade religiosa imaginariamente escolhida e ungida por Deus.

À frente da congregação, o líder religioso é considerado uma referência espiritual, encarregado de pregar os dogmas de sua liturgia, como também auxiliar seus seguidores. A voz de Deus é manifestada através do pastor, isto é, há a tomada de posse do silêncio divino para lhe dar sentido. Assim, no funcionamento dessa formação imaginária, quando o pastor enuncia, Deus também fala. Para exercer o ofício de líder religioso, há o imaginário de que ao pastor cabe estudo e preparação teórica. Determinadas congregações não exigem a formação em Teologia para assumir a pastoral, todavia, supostamente, deve-se ter conhecimento e domínio dos textos bíblicos, bem como boa comunicação. Em determinadas congregações, o líder religioso é considerado a autoridade maior, no entanto, cada igreja dispõe de um ministério, ou seja, possui formas próprias de organização e atuação na sociedade.

A noção de reversibilidade possibilita constituir um gesto de leitura de como, no discurso religioso cristão evangélico, figuras de autoridade, como líderes religiosos, apropriam-se da voz de Deus, significando as próprias palavras como se fossem a manifestação divina. Conforme Orlandi (2011, p.29), a reversibilidade pode distinguir o funcionamento do discurso lúdico, polêmico e autoritário, pois “o discurso autoritário procura estancar a reversibilidade [na relação dos interlocutores]; o lúdico vive dela; no polêmico, a reversibilidade se dá sob condições”. O pastor, ao interpretar e proclamar a palavra de Deus, estabelece uma relação unívoca entre a própria voz e o divino, de forma que seus pronunciamentos são significados tal qual a verdade promulgada por Deus. A reversibilidade é estancada, tal como no discurso autoritário, pois, ao tomar a posição de porta-voz de Deus e enunciar como se o próprio divino falasse, há o impedimento à legitimidade de qualquer contestação possível.

A língua, portanto, não é apenas meio de comunicação, mas o próprio meio de produção de um imaginário no qual o pastor dá sentido à voz divina ao mesmo tempo em que a significa a partir da formação discursiva a que está filiado. A ausência de reversibilidade possibilita que o discurso

---

<sup>4</sup> O equívoco, na Análise do Discurso materialista, tem relação com a possibilidade de diferentes sentidos, até mesmo dissonantes, inscreverem-se no fio do dizer constituído a partir de uma mesma posição de sujeito. Dessa forma, o equívoco não pode ser confundido com um erro, com um problema retórico.

<sup>5</sup> O termo “líder religioso” pode ser empregado para designar figuras de autoridade em diversas tradições e vertentes religiosas, não se restringindo ao Cristianismo. A mencionada definição abrange líderes espirituais em diferentes religiões, como rabinos no Judaísmo, imãs no Islamismo, monges no Budismo, dentre outros.



religioso cristão evangélico ganhe força, pois, ao considerar que a contestação a determinados dizeres é impraticável, a reprodução dos sentidos pelo líder religioso é reiteradamente legitimada.

### 3 LÍDERES RELIGIOSOS EVANGÉLICOS E A HOMOSSEXUALIDADE

Nosso material de análise é configurado a partir de recortes de pronunciamentos enunciados por três líderes religiosos evangélicos: Aline Barros, Bruna Karla e Silas Malafaia. Esses pronunciamentos ocorreram em entrevistas concedidas a duas emissoras e a um podcast de amplo alcance – RedeTV, Positivamente Podcast e SBT – e as gravações se encontram disponíveis na plataforma de streaming YouTube.

A primeira líder religiosa mencionada, Aline Barros, é uma cantora gospel, escritora e multi-instrumentista. Filha de também líderes religiosos, desde sua infância está inserida no mundo gospel. A cantora tornou-se muito popular na comunidade cristã, sendo referência para outros cantores gospels. Citada por diversos veículos midiáticos, como “The New York Times”, registrou seu nome no cenário musical religioso. No momento de escrita deste texto, a cantora é membro da Igreja Comunidade Evangélica Internacional da Zona Sul, no Rio de Janeiro. Em seu perfil no Instagram, dispõe de mais de oito milhões de seguidores; em sua página no Facebook, possui mais de quinze milhões de curtidas; no canal oficial do YouTube, conta com mais de 1.257.306.179 visualizações e três milhões e quarenta e quatro mil inscritos.

A entrevista analisada<sup>6</sup> ocorreu em um programa televisivo e foi alvo de polêmica na mídia. Um dos entrevistadores lê para Aline Barros a seguinte pergunta: “Por um acaso, com todo respeito, é claro, você é contra os gays, Aline?” (REDETV, 2018).

A cantora gospel responde:

Olha! O meu posicionamento sempre vai ser aquilo que a palavra de Deus me orienta, né! Porque eu vivo a palavra. Então, nós não concordamos com o pecado. Acho que o pecado é algo abominável, ele distancia a gente de Deus. Mas, amo as pessoas que escolheram viver assim, dessa forma. Tem a sua opção, tem a sua escolha. E o meu coração sempre vai tá aberto pra liberar amor, pra liberar essa fonte de amor que é Jesus dentro da minha vida, ela tá sendo liberada todos os dias. Conheço pessoas, né, que são homossexuais, conheço pessoas (...) que já fizeram meu cabelo, que já me maquiaram, né! São pessoas queridas, que eu tenho um carinho especial, sim. Mas, em relação à prática daquilo que eles fazem, eu não posso dizer pra você que eu concordo. Mas, eles sabem. Eles sabem. Porque quem me conhece, quem sabe o meu posicionamento como cristã, seguindo aquilo que a Bíblia me diz, me orienta e me instrui, sabe que não é a forma correta. Deus criou o homem e a mulher. Deus, na sua plenitude, ele pensou na estrutura de família pra que a gente pudesse se unir, o homem se unir a sua mulher, que os dois fossem uma só carne e que eles pudessem multiplicar, né! E encher a terra. Mas as escolhas são feitas por cada um de nós, como eu falei, né! [...] (REDETV, 2018)

Na formulação acima, recortada a partir da entrevista de Aline Barros, o amor é equivocadamente afirmado, pois é também rejeitado, já que está condicionado ao que é imaginariamente essencial na constituição do sujeito amado. O modo como o amor significa é tomado pelo cinismo, pois, embora se apresente como verdadeiro, é atravessado por julgamento e

---

<sup>6</sup> As transcrições das entrevistas analisadas foram realizadas a partir dos vídeos disponibilizados na plataforma YouTube.





reprovação. A líder religiosa enuncia amar o homossexual, mas recusa a sua sexualidade, delimitando os limites do seu amor ao que se encaixa dentro de sua fé. A equivocidade inscrita no amor enunciado explicita o funcionamento de uma máscara de tolerância, que perpetua preconceitos sob a aparência da benevolência.

Barros enuncia que os seus posicionamentos perante a vida sempre estarão embasados na “palavra de Deus”, pois, no seu imaginário, a cantora gospel vive “a palavra”. O verbo viver, conjugado no presente do indicativo, “vivo”, comumente assume um sentido de certeza, entretanto, nessas condições de produção, os sentidos não somente reproduzem afirmação. Ao enunciar que vive a palavra, Barros expressa crença, respeito e obediência ao que “palavra” significa no imaginário cristão em que está inscrita. Ademais, a partir da posição de sujeito em que enuncia, Barros frisa que suas decisões estarão atreladas aos ensinamentos e dogmas de sua religião, de sua divindade. Consequentemente, suas práticas são imaginariamente ditadas pelo seu Deus e a palavra que vive. A cantora gospel explicita que não é ela, Aline Barros, quem fala, mas, sim, a palavra, sua divindade, outra voz. Pode-se observar que há o funcionamento da legitimação dos sentidos produzidos a partir da referência a Deus e a sua palavra.

O efeito produzido é de não ser Aline Barros quem diz, pois a palavra é promulgada por sua divindade. A equivocidade é constitutiva da formulação “a palavra”, enunciada pela cantora, pois não se especifica de que palavra se trata, nem quem a enuncia. A rede de sentidos que constitui “a palavra” desliza entre a palavra de uma divindade, do líder religioso, da igreja, da denominação religiosa, dos fiéis. O ensinamento exercido pela nomeação citada não é detalhado, possibilitando a atualização de trechos bíblicos que circulam como exemplos da homossexualidade compreendida como prática pecaminosa e profana. O interdiscurso inscreve-se, pela paráfrase, no fio do dizer, atualizando o imaginário da homossexualidade como prática pecaminosa.

Outra líder religiosa de grande sucesso é Bruna Karla. Desde tenra idade, Karla está inserida no universo gospel, já que começou a cantar nas igrejas ainda na juventude. Ao longo dos anos, consolidou-se como uma estrela proeminente da música gospel cristã contemporânea, destacando-se também como compositora. A líder religiosa acumula mais de 6 milhões de seguidores no Instagram, mais de 14,6 mil no Facebook, e, no YouTube, registra mais de 658.116.843 visualizações e conta com 2,53 milhões de inscritos em seu canal oficial. A artista foi indicada ao Grammy Latino em cinco ocasiões e vendeu mais de cem mil cópias de seus álbuns. Estes receberam disco de ouro e platina.

A entrevista com a cantora gospel ocorreu em 22 de dezembro de 2021, no podcast “Positivamente Podcast”, durante o governo Bolsonaro e a pandemia do coronavírus. Atualmente, a gravação do podcast, com duração de 2 horas e 4 minutos, possui mais de 552 mil visualizações no YouTube, mais de 43 mil likes e 3.372 comentários. O trecho que contém os dizeres de Karla foi amplamente divulgado e alvo de críticas nas mídias sociais e entre outras celebridades, que repudiaram a declaração da cantora a respeito do casamento homoafetivo. O pronunciamento transcrito abaixo comparece entre 1h:24min:37s e 2h:04min:00s do vídeo no YouTube.

Teve um amigo que me perguntou: “Bruna, quando eu me casar, você vai no meu casamento?” E eu olhei pra ele e fui bem sincera e eu disse assim: “Ah! Quando você se casar com uma mulher linda, cheia do poder de Deus, eu vou sim”. E ele falou assim: “Você sabe que não é isso que eu tô perguntando”. Eu tô falando de um amigo homossexual que a gente, sabe, tem essa liberdade. Ele falou: “Você sabe que não é isso que eu tô falando”. Eu falei: “Pois é, o dia que eu aceitar cantar no



seu casamento com outro homem, eu posso parar de cantar sobre a Bíblia e sobre Jesus. Porque não é uma questão, eu posso aceitar e respeitar a sua decisão”, falei pra ele. “Amigo, respeitar a sua decisão não é eu concordar com ela”. E ele ficou me ouvindo, eu falei assim: “Eu prego a palavra, eu não tô dizendo algo da Bruna, é algo de Deus, a palavra é contra essa forma de vida, a palavra diz que não tá certo, que não foi pra isso que Deus criou o homem e a mulher, foi pra o homem se unir com a mulher. Então, se eu for no teu casamento e aplaudir e dizer assim: ‘Nossa, você tá certo’, eu paro de cantar, eu saio da igreja, porque eu não vou estar servindo a Deus com meu coração completo, eu vou tá aplaudindo algo que eu tô dizendo assim: ‘É errado, mas eu vou aplaudir’”. E é o que, infelizmente, a gente, às vezes, faz inconscientemente. Ah! Eu não vou me posicionar, eu não vou falar pra não magoar. Não, peraí, não é magoar. A palavra nos confronta, nem tudo que a gente vai ver na palavra vai ser pra acariciar o nosso ego. Pelo contrário, é palavra de confronto, é certo, é certo. Deus tá dizendo que sim, eu vou pelo que a bíblia diz, eu sou o que a bíblia diz, eu vou aonde a bíblia diz, eu vou fazer o que a bíblia diz. A todos meus queridos homossexuais que estão nos ouvindo e assistindo, respeitamos a sua decisão, mas eu não posso concordar com seu estilo de vida. Porque eu sei que a palavra do meu Deus, que é verdade, diz que essa conduta de vida não vai te levar ao céu, que essa conduta de vida não vai te fazer feliz. Pouco se fala hoje sobre o inferno, sabe. As pessoas têm tentado, pra viver um evangelho mais agradável, eu não falo do inferno. Vamos trazer para perto, vamos amar e amar também se quiser continuar vivendo assim. E quando a verdade não é essa, a verdade é: existe o caminho, a verdade e a vida que é Jesus que nos leva ao céu, ele é o único caminho que nos leva ao céu. Qualquer outro caminho, o final dele é o inferno. Então, a gente tem que parar de dizer pras pessoas que: “Não, continue vivendo essa vida, continue vivendo desse modo que Deus vai te amar”. Ele ama, ele ama! Mas o final dessa vida não vai te levar pro céu, vai te levar pro inferno [...] (POSITIVAMENTE PODCAST, 2021)

Karla descreve à apresentadora do podcast uma conversa que teve com um amigo homossexual. O amigo, ao questionar se no dia de seu casamento com outro homem a cantora gospel compareceria no matrimônio e cantaria na cerimônia, obtém como resposta por parte da líder religiosa a exposição de preceitos religiosos. O casamento homoafetivo está em contradição aos preceitos religiosos constitutivos da posição de sujeito evangélico, a partir da qual a líder religiosa significa. No discurso religioso cristão, a homossexualidade é significada como uma sexualidade profana e desviante. Um desejo inscrito em sexualidades divergentes do padrão cis-heteronormativo significa o sujeito como um desviado da fé, afastado de Deus e de suas bênçãos.

A homossexualidade é significada como algo profano, que, apenas pelo fato de a cantora gospel ir ao casamento cantar, seria motivo suficiente para renunciar a Bíblia e Jesus Cristo. Em outras palavras, compreende-se como mandamento que o fiel deve manter distância de práticas que não condizem com a sua fé, a fim de não praticar o pecado ou ir contra os preceitos do mundo cristão a que está identificado. A partir da posição de sujeito evangélico, ir contra a palavra acarretaria a condenação espiritual. Nesse mesmo imaginário, a homossexualidade é uma prática que conduz o sujeito desviado ao inferno, pois transgredir os sentidos já estabelecidos como idôneos. Esse funcionamento é legitimado pela “palavra” e por “Deus”, que, ao mesmo tempo, desresponsabilizam aqueles que enunciam.





O pronunciamento da cantora pode ser analisado como parte de uma formação discursiva religiosa cristã que significa o casamento como uma instituição heteronormativa e, ao mesmo tempo, condiciona a permanência e o reconhecimento do fiel à sua obediência a esse imaginário. Ao mencionar que cantar em um casamento homoafetivo poderia resultar em sua saída da igreja, a cantora explicita o efeito disciplinador das normas religiosas, que não se restringem apenas à dimensão privada, mas também se estendem à prática pública. Há a articulação entre a identidade religiosa e a rejeição de práticas e posicionamentos considerados contrários à Bíblia. Tal rede de sentidos configura uma fronteira simbólica entre o “dentro” e o “fora” da comunidade de fé, na qual a adesão às normas é o critério de pertencimento. Logo, “sair da igreja”, conforme mencionado na entrevista, significa uma ruptura com uma ordem discursiva específica, na qual se cruzam autoridade religiosa, valores doutrinários e identidade coletiva.

Ao sugerir que a não obediência às normas poderia resultar em exclusão, esse funcionamento mobiliza uma lógica de vigilância e sanção, típica de instituições às quais o poder é exercido por meio da palavra e do controle. Não apenas as tensões entre um suposto livre arbítrio e a submissão a normas religiosas são explicitadas, mas também como o pertencimento a determinadas instituições religiosas é mediado pela aceitação de padrões normativos específicos vigentes dentro das congregações.

O terceiro líder religioso estudado é Silas Malafaia, líder neopentecostal, seguidor da teologia da prosperidade, graduado em psicologia e teologia, conferencista, evangelista, empresário e escritor brasileiro. É pastor presidente da Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo, por ele fundada em 1982. Malafaia é também apresentador televangelista, líder e mentor de outros pastores no Conselho Interdenominacional de Ministros Evangélicos do Brasil (CIMED). É coordenador e apresentador do programa “Vitória em Cristo”, transmitido em rede nacional e em outros países.

O líder religioso, em vídeos publicados em suas mídias sociais, autodeclara-se apoiador do ex-presidente da República, Jair Messias Bolsonaro. Foi alvo de polêmicas por conceder declarações consideradas discurso de ódio envolvendo a comunidade LGBTQIAP+, questões de sexualidade, casamento homoafetivo, educação e a temática do aborto. Foi investigado pela Polícia Federal (PF) na operação “Timóteo” acerca de corrupção e lavagem de dinheiro. Malafaia é alvo críticas devido às posições radicais adotadas a respeito da homossexualidade.

O pronunciamento abaixo foi enunciado entre 18min:35s e 45min:06s. Atualmente, a entrevista possui 7.587.551 visualizações, mais de 52 mil curtidas e 108.286 comentários na plataforma de vídeos YouTube, no canal intitulado “Silas Malafaia Oficial”.

**Silas Malafaia:** Deixa eu falar sobre essa questão de homossexualismo.

**Apresentadora:** “Dade”, homossexualidade.

**Silas Malafaia:** Isso, homossexualidade. Deixa eu te falar uma coisa! Primeiro: ninguém nasce gay, homossexualismo é um comportamento.

**Apresentadora:** Isso é contestável!

**Silas Malafaia:** É contestável, então vamos lá. Eu mando vir na genética. Quem é que pode dizer que alguém nasce gay ou não? Não é a psicologia, é a genética. A ciência que pode dizer. É igual o aborto, quem é que pode dizer onde começa a vida, a biologia. [...]

**Silas Malafaia:** Ninguém nasce gay, não existe ordem cromossômica homossexual, não existe gene homossexual. Existe ordem cromossômica de macho e de fêmea. Então, eu vou fazer uma definição de homossexualismo.



**Apresentadora:** homossexualidade!

**Silas Malafaia:** Não! O homossexualismo, a prática! Eu posso falar o homossexualismo ou a homossexualidade.

**Apresentadora:** Não, é que homossexualismo caracteriza doença.

**Silas Malafaia:** Não, não vejo como doença, eu não vejo, vejo como um comportamento. Nada de doença! Então, a homossexualidade, um homem ou uma mulher por determinação genética e homossexual por preferência aprendida ou imposta. Agora, vamos para a pesquisa: 46% dos homossexuais foram violados e violentados quando crianças ou adolescentes. Como é que alguém nasce? 46%. 54% escolheram ser. Então, primeiro, homossexualismo é comportamento. Então, vamos para a genética, gêmeos iguais, o mesmo embrião que se divide é chamado geneticamente iguais, homozigóticos, são gêmeos iguais. Então, o que tinha que acontecer: se um gêmeo é hétero, o outro tinha que ser hétero. Se um gêmeo é homossexual, o outro também tinha que ser. Então, vamos lá! 35% dos gêmeos que são homossexuais, o outro, 65% são héteros. Então, como é que são iguais, como que nascem? [...] 46% passaram a ser homossexuais, e eles não falam, a partir do dia que foram violados, violentados.

**Apresentadora:** no geral, violentados por quem?

**Silas Malafaia:** por parentes, violentados por vizinhos [...] Ninguém nasce homossexual, foi minha resposta aqui para você. [...]

**Apresentadora:** Eu quero saber de você, qual é a tua questão com a homossexualidade?

**Silas Malafaia:** Eu vou dizer para você qual é a minha questão: a minha questão aqui no Brasil é os direitos que eles querem em detrimento da coletividade.

**Apresentadora:** Quais são esses direitos? Serem respeitados, não serem mortos e agredidos? [...]

**Silas Malafaia:** eles querem uma Lei para atacar, xingar, atingir quem eles querem e estarem protegidos, acima de todos, uma vírgula para eles. [...]

**Apresentadora:** Venha cá, venha cá, os seus fiéis, imagino, entre eles, deve haver homossexuais.

**Silas Malafaia:** que foram ou estão buscando sair.

**Apresentadora:** mas existem.

**Silas Malafaia:** que estão buscando sair.

**Apresentadora:** entre os pastores também.

**Silas Malafaia:** se tiver pastor homossexual, na Bíblia, Deus fala: adultério, homossexualismo, prostituição, o cara é passível de ser excluído daquela congregação. Se um pastor tiver um caso com uma mulher, ele perde o cargo de pastor. Se um pastor tiver um caso de homossexualismo, ele perde o cargo de pastor. Se um pastor for solteiro e tiver uma relação sexual com qualquer uma, vai perder o cargo. Então a Bíblia trata do mesmo nível.

**Apresentadora:** você como psicólogo chegou à conclusão de que um homossexual deve e pode realmente ser reorientado?

**Silas Malafaia:** ouça alguém que foi reorientado. [...] A Bíblia define o que é pecado, então eu não estou aqui para acusar a, b ou c, mas estou aqui para condenar o pecado. Então, na minha visão, ok?, da minha crença e valores, da minha visão espiritual, do que eu creio na bíblia, a homossexualidade, o adultério, a prostituição são pecados gravíssimos à luz da bíblia. [...] Toda história da civilização humana, toda história! O que eu estou te falando é antropológico, sociológico e teológico. Toda história da civilização humana está sustentada: um homem, uma mulher e sua



prole. [...] Sabe Freud, que tanto falam? Freud estudou o caso de uma paciente homossexual e descobriu que ela é homossexual pela relação dela com o pai. [...] Ele reorientou a mulher e ela passou a ser heterossexual. Então vai dizer que não pode ser reorientado?

**Apresentadora:** eu vou propor um problema a você que é contra inclusive o aborto, a legalização do aborto. Supondo que nasça uma criança e a mãe dessa criança não vai poder criá-la, um casal homossexual se dispõe a criar essa criatura, se não vai ficar jogada, à disposição do que seja, numa instituição que vai tratá-la mal. Você ainda assim acha que um casal homossexual não possa ter essa criança e fazer dela um belo cidadão, uma bela cidadã e criar um ser humano digno, com todos os seus direitos, com toda sua inteligência, com todo seu amor e compaixão pelo outro?

**Silas Malafaia:** eu não acredito que dois homens possam criar uma criança perfeita, no sentido total que você quer, não acredito. Porque eu acredito que Deus fez homem e mulher e esses seres que se completam. [...] Eu não acredito que dois homens ou duas mulheres tenham capacidade para desenvolver um ser humano, não acredito. [...] Concordar com uma prática é uma coisa, amar a pessoa é outra. Eu amo os homossexuais. Mas, discordo cem por cento de suas práticas.

**Apresentadora solicita que o pastor repita a fala.**

**Silas Malafaia:** Não, isso eles sabem. Eles sabem, eles não são bobinhos não. Eles sabem.

**Apresentadora:** Então, diga!

**Silas Malafaia:** Eu amo os homossexuais como amo os bandidos, amo assassinos, vamos embora, eu aumento o leque, porque eu amo. Porque o ser humano, oh, Gabi, o ser humano é a coisa mais importante.

**Apresentadora:** Você tá colocando homossexuais ao lado de bandidos e assassinos, porra!

**Silas Malafaia:** Não! Não! Não tô colocando não! Eu amo todas as pessoas. Não, mas pra dizer, olha: eu não gosto de uma prática, então eu tô dizendo pra você. (SILAS MALAFAIA OFICIAL, 2015)

A partir da posição de sujeito na qual Malafaia enuncia, é reproduzido um imaginário da moral cristã que significa a homossexualidade como uma questão de comportamento desviante, e não uma sexualidade natural inerente aos seres humanos. O líder religioso referencia constantemente a Bíblia como base do que enuncia, ancorando-se em uma posição de sujeito que naturaliza a heterossexualidade.

Em alguns momentos, a entrevistadora contesta termos mobilizados por Malafaia, como "homossexualismo", sugerindo "homossexualidade" devido à conotação de doença que a primeira nomeação produz. Esse tensionamento explicita o embate de sentidos em torno das palavras e a luta por hegemonia discursiva. A disputa entre os dizeres da apresentadora e os de Malafaia ilustra o conflito entre sentidos que buscam legitimar a diversidade sexual e aqueles que a patologizam, isto é, a veem como doença.

No pronunciamento de Malafaia, a atribuição de autoridade à ciência, especificamente à genética e à biologia, embasa as afirmações realizadas, ainda que esse funcionamento ocorra de maneira seletiva, inscrita na posição de sujeito evangélico. O referido líder religioso mobiliza dados que supostamente comprovam suas alegações, como as estatísticas sobre abuso infantil, que reafirmaria a homossexualidade como um comportamento patológico. Ao citar Freud, há a tentativa de produzir um imaginário de legitimidade científica aos sentidos reproduzidos.



O pronunciamento analisado empreende a normatização do social e o controle dos corpos e comportamentos. Na formulação “se tiver pastor homossexual, na Bíblia, Deus fala: adultério, homossexualismo, prostituição, o cara é passível de ser excluído daquela congregação” (SILAS MALAFAIA OFICIAL, 2015), há a atualização da memória da homossexualidade como um comportamento passível de correção. Normas rígidas, sobre como os fiéis devem agir dentro de sua comunidade religiosa e fora dela, são reproduzidas, podendo implicar a expulsão de pastores. Observamos que na entrevista de Bruna Karla tal obediência às normas impostas pela comunidade evangélica e as consequências da não obediência para o fiel são reafirmadas, configurando, aparentemente, uma mesma posição de sujeito.

Em Malafaia (2015), na formulação “[e]u amo os homossexuais como amo os bandidos, amo assassinos, vamos embora, eu aumento o leque, porque eu amo”, assim como em Karla, comparece um amor cínico. Há uma distinção entre amar a pessoa e aceitar suas práticas, de forma que amor e aceitação constituem uma relação equívoca. A partir do mecanismo da antecipação, ao atualizar os fundamentos do amor cristão, há a tentativa de mitigar o impacto do repúdio aos homossexuais, porém, ao mesmo tempo, há a desqualificação da legitimidade das identidades LGBTQIAP+. Esse funcionamento é uma regularidade constitutiva da posição de sujeito evangélico.

Na formulação acima citada, o amor aos homossexuais é equiparado ao amor a bandidos e assassinos. A partir desse imaginário, não há nenhuma diferença entre as nomeações comparadas, pois todos estão em pecado. O crime, a partir da posição de sujeito evangélico, não está em relação à Constituição ou ao Código Penal, mas a um imaginário de comportamento determinado pela Bíblia. Se, para as leis brasileiras, a homossexualidade é uma forma de vida tão legítima quanto qualquer outra, para as leis bíblicas, reproduzidas a partir da posição de sujeito evangélico, a homossexualidade é um crime, assim como roubar e matar.

O líder religioso inscrito na posição de sujeito evangélico reproduz a evidência de que a estrutura familiar correta e natural é aquela composta por um homem e uma mulher. Formula-se: “Eu acredito que Deus fez homem e mulher e esses seres que se completam” (SILAS MALAFAIA OFICIAL, 2015). O fio do dizer é ancorado a uma configuração essencialista e normativista da complementaridade dos gêneros, na qual as práticas masculina e feminina são significadas como insubstituíveis e necessárias para o desenvolvimento saudável de uma criança. Qualquer modelo familiar fora desse padrão estabelecido é considerado errado.

Ao decorrer da entrevista, Malafaia reafirma determinados sentidos que explicitam o funcionamento da posição de sujeito evangélico. A crença é apresentada como uma verdade universal, pautada pela moral cristã, na qual a sua divindade, Deus, estabelece o modelo de família correto. Esse funcionamento é significado como incontestável e como o alicerce para as objeções à adoção por casais homoafetivos. A referência à Bíblia como regularidade no discurso religioso naturaliza e reforça a rejeição do modelo de família homoafetiva, desconsiderando a pluralidade na formação familiar.

Os sentidos reproduzidos por Malafaia também reafirmam a contraposição à expansão de direitos para a comunidade LGBTQIAP+. Ao desqualificar e desmerecer a adoção por casais homoafetivos, contribui-se para a invisibilização dessas famílias, tratando-as como inadequadas ou inferiores em relação ao modelo imaginariamente padrão. A mobilização de bandeiras como a proteção dos valores tradicionais, da família tradicional brasileira e da coletividade se alinha a uma deslegitimação ampla de direitos à comunidade LGBTQIAP+. A contraposição à adoção por casais homoafetivos opera a partir de uma rede de sentidos excludente, que normatiza a família heterossexual como o único modelo legítimo. As formulações configuradas, embora disfarçadas de



preocupação com o bem-estar da criança, sustentam uma posição conservadora e religiosa que promove a exclusão e a marginalização de práticas e sentidos outros.

Na formulação “Concordar com uma prática é uma coisa, amar a pessoa é outra. Eu amo os homossexuais. Mas, discordo cem por cento de suas práticas” (SILAS MALAFAIA OFICIAL, 2015), a homossexualidade significa como uma prática voluntarista, isto é, como se fosse uma escolha. Em outras palavras, é homossexual porque escolheu viver de tal modo. No imaginário reproduzido pelo líder religioso, há um amor pelos homossexuais enquanto ser humano, porém as suas práticas, aquelas supostamente pecaminosas, que divergem da concepção cristã moralista, não são aceitáveis, portanto, são passíveis de condenação. Tais práticas, como a homossexualidade, tornam o sujeito pecador, afastado de Deus.

A partir do imaginário constitutivo dos dizeres do pastor Malafaia, a homossexualidade é uma prática realizada por alguns sujeitos ao longo de suas vivências, muitas vezes, apresentando como origem um abuso sexual sofrido na infância. Há, portanto, uma patologização da homossexualidade, já que seria proveniente de uma experiência traumática. Essa forma de significar a homossexualidade viabiliza a possibilidade de realização do tratamento de reorientação. Dessa forma, a homossexualidade não é significada somente como uma prática voluntarista, mas também como um sintoma de um trauma, sendo ambos pecaminosos, conduzindo o homossexual ao inferno.

Conforme a posição de sujeito evangélico, a partir da qual os três líderes religiosos produzem sentidos, não há diferença alguma entre homossexuais, bandidos e assassinos, pois todos terão o inferno como destino. Esses sujeitos estão entrelaçados por algo em comum, suas práticas pecaminosas e profanas. A homossexualidade não é significada como manifestação da vida ou condição natural dos sujeitos, mas como algo anômalo. Essa forma de vida comparece, nos pronunciamentos analisados, como escolha, prática, comportamento, doença e pecado sem que haja a possibilidade de contestação, pois a reversibilidade na relação entre os interlocutores está estancada.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A descrição e análise dos enunciados recortados possibilitou observar como os sentidos produzidos sobre a homossexualidade e o homossexual apontam para um mesmo imaginário: a homossexualidade é um comportamento voluntarista. Expressões como “escolheram viver assim”, “tem a sua opção”, “tem a sua escolha”, “prática”, “decisão” e “forma de vida” estão presentes nas três entrevistas como uma regularidade que produz sentidos semelhantes. Há, portanto, formulações constituídas a partir de uma mesma família parafrástica, configurando a posição de sujeito evangélico.

Conforme as análises realizadas a partir das entrevistas, ninguém nasce homossexual, a homossexualidade é adquirida como um comportamento. O funcionamento da posição de sujeito evangélico, circunscrito a partir do movimento parafrástico, possibilita observar como os três líderes religiosos atualizam uma memória discursiva semelhante quando enunciam sobre a homossexualidade.

Quanto à “família”, há a atualização de sentidos já estabilizados. À família, constituída por casais heterossexuais, é atribuída a responsabilidade acerca da reprodução da espécie humana. A partir desse imaginário, família é a formada por pares diferentes e que tenha a capacidade de reprodução. Outras uniões, por exemplo, as homoafetivas, são desacreditadas. Ainda nesse



imaginário, a criação dos seres humanos é atribuída a Deus. A partir da posição de sujeito evangélico, a referida divindade criou o homem e a mulher para se unirem e se multiplicarem.

Outra regularidade presente nos recortes analisados comparece quando os líderes religiosos referenciam a formulação “A palavra”. Nos três pronunciamentos, cada líder religioso enuncia a mencionada nomeação, reafirmando como suas ações e crenças seguem a palavra proferida por sua divindade. Há um funcionamento opaco, pois não é explicitada a especificidade da “palavra”.

As regularidades apontadas, como o padrão de família cis-heteronormativa, a função reprodutiva da relação sexual e a menção opaca à “palavra”, possibilitam circunscrever a posição de sujeito evangélico. Em cada recorte descrito há a legitimação da família cis-heteronormativa, de forma que, sendo essa a sexualidade correta, há a contraposição à outra, desviante. Além disso, há a menção a Deus e a seus possíveis ensinamentos. Essas regularidades possibilitaram circunscrever como a posição de sujeito evangélico é configurada pelas evidências que apontam para um imaginário de família legítima, de sexualidade adequada e respeitada, em oposição à outra, desviante. Aos sujeitos inscritos na posição de sujeito evangélico cabe obediência aos preceitos religiosos, fidelidade à comunidade e a impossibilidade de contestação.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. Trad. Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1970.

FATIMA, Wellton. **As sexualidades mal ditas no discurso religioso neopentecostal**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense. Niterói, RJ, p.125. 2018.

ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 6ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2011.

ORLANDI, Eni. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

POSITIVAMENTE PODCAST. Criando um berço cristão! Com Bruna Karla. **YouTube**, 21 de dezembro de 2021. 2h4min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dkeGMYNyUts>>. Acesso em: 10 de abril de 2025.

REDETV. “Não concordo com as práticas”, diz Aline Barros sobre homossexualidade. **YouTube**, 01 de abril de 2018. 2min23s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xrR5HrpPRP4>>. Acesso em: 10 de abril de 2025.

SILAS MALAFAIA OFICIAL. De Frente com Gabi - Pr. Silas Malafaia. **YouTube**, 01 de abril de 2015. 45min16s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=b50Oi8RRYLc>>. Acesso em: 10 de abril de 2025.